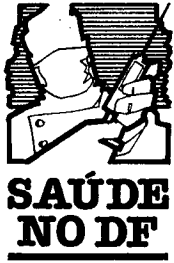


Pacientes de fora lotam hospitais do DF

Ana Cristina Gonçalves

O Distrito Federal poderá ser a primeira unidade do País a ter um aumento no teto de repasse de verbas feito pelo Inamps, em decorrência do grande volume de pacientes de outros estados que são atendidos na rede hospitalar do DF. Isso porque atualmente o teto é determinado a partir da população (chamado avaliação da Unidade de Cobertura Ambulatorial — UCA) e da internação hospitalar, critério que não poderá ser mantido para Brasília, que faz 40 por cento do atendimento ambulatorial e 70 por cento do emergencial a pacientes vindos de todas as regiões do Brasil, principalmente do Entorno do DF. Atualmente, são repassados pelo Sistema Único de Saúde, de acordo com o secretário de Saúde, Jofran Frejat, em média Cr\$ 22 bilhões mensais, sendo Cr\$ 12 bilhões referentes ao UCA e 10 bilhões de guia de internação hospitalar. “Acontece que esse valor do UCA é avaliado pelo Inamps, tendo como base nossa população, mas em função dos pacientes vindos do Entorno do DF, nosso repasse deveria ser de Cr\$ 19 bilhões”, explicou Frejat, lembrando que por isso o DF tem um déficit de 7 bilhões, gastos com pessoas de outros estados. “Então deveríamos computar esses atendimentos de fora, recebendo essa



diferença e melhorando ainda mais a rede hospitalar do DF”, argumentou.

Todo esse problema do repasse de recursos e número de pacientes de outras regiões atendidos no DF foi levado recentemente ao ministro da Saúde, Jamil Haddad, e ao presidente do Inamps, Carlos Eduardo Mosconi. Na opinião do secretário de Saúde, é necessário mudar os critérios da elaboração do teto de repasse ao DF, ou então exigir que os outros estados mandem seus pacientes para a rede pública daqui com a autorização de internação preenchida. “Brasília é um caso particular, com um serviço público gratuito e não mantém convênio com clínicas particulares”, argumentou Frejat. Em 1991, foram feitos quatro milhões 300 mil atendimentos hospitalares no DF, sendo que pelo menos um milhão 720 mil foram para doentes que não residem aqui.

Elogios — Ao encaminhar seus pacientes para Brasília, alguns prefeitos e diretores de hospitais fazem ofícios à Secretaria de Saúde, elogiando o atendimento hospitalar do DF e explicando que em seus estados faltam recursos para melhorar o sistema de Saúde. É o caso do chefe da seção de ortopedia do Hospital Eurico Dutra, em Barreiras (BA), Sebastião de Araújo. Respalado pela direção do hospital, ele encaminhou no início do mês várias pacientes para o hospital de Base, justificando que não tem equipamento para realizar cirurgia ortopédica e que o deslocamento para Salvador é mais difícil e mais caro, de-

vindo à distância. “Além disso Brasília tem um atendimento eficiente”, justificou o médico.

De acordo com Frejat, esses ofícios de encaminhamento passaram a ser comuns, sendo que antes os prefeitos simplesmente enviavam os doentes, “não querendo nem mesmo atender nossos telefonemas de reclamação, pois ficou mais fácil comprar ambulância para transportar pacientes por mais de 800 quilômetros que melhorar o sistema de Saúde local”. As 14 cidades do Entorno de Brasília mandam constantemente pacientes para o DF, mas vários outros Estados (incluindo Acre, Rondônia e Roraima) também preferem gastar com passagens aéreas para garantir “um ótimo atendimento em Brasília”.

No caso específico do Entorno do DF, onde existem quatro hospitais públicos, quatro clínicas integradas, 22 centros de saúde e 49 postos urbanos e rurais — para uma população de 850 mil habitantes — o Governo do Distrito Federal vem tomando medidas paliativas para evitar o êxodo para a rede hospitalar de Brasília. Estão sendo firmados convênios com os governos de Minas Gerais e Goiás, para a construção e funcionamento de hospitais. Esses convênios já permitiram o atendimento hospitalar em Santo Antônio do Descoberto (Hospital Municipal Luiz Fernandes) e em Valparaíso (Centro de Assistência Integral à Saúde). Isso significa menos 20 mil doentes nos hospitais do DF mensalmente.